

16
DAYS

16 DIAS DE ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES
25 de novembro a 10 de dezembro de 2005

VIOLÊNCIA +HIV/AIDS: UM VÍNCULO LETAL PARA AS MULHERES

O número de mulheres que vivem com o HIV/AIDS está aumentando em todo o mundo. Na América Latina e no Caribe, calcula-se que 1,7 milhão de pessoas tenha contraído o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV); 36% delas são mulheres¹. Entre os jovens (de 15 a 24 anos), estima-se que uma porcentagem média de 0,5% das mulheres e 0,8% dos homens estão vivendo com o HIV/AIDS².

A crescente feminização da epidemia é um reflexo das desigualdades culturais, sociais, econômicas e jurídicas que expõem as mulheres e meninas a um risco maior de infecção³. Além disso, a discriminação de gênero dificulta o acesso das mulheres a métodos de prevenção e tratamento.

Uma pesquisa realizada no ano de 2004 na América Latina e no Caribe sobre os perfis de violência doméstica mostrou uma relação entre as infecções sexualmente transmitidas (DST's) e a violência⁴. Outro estudo também feito na região encontrou uma correlação entre a construção da masculinidade e a vulnerabilidade das mulheres⁵. O certo é que há uma grande unanimidade entre os especialistas, ativistas e conhecedores do tema sobre o fato de que o poder e o controle dos homens sobre as mulheres limita a habilidade delas negociarem o sexo seguro e consensual.

Sexo Seguro?

A especialista e assessora de Gênero e HIV da UNAIDS, Madhu Bala Nath, pergunta-se a respeito: *“pode uma mulher conceber a possibilidade de deixar de depender da fidelidade mútua quando foi socializada sob o princípio de que o homem é a autoridade suprema? Poderia ela sugerir o sexo seguro ao seu parceiro quando a menção do preservativo implica a possibilidade da infidelidade?”*⁶

*“(…) Estar casada, ser monogâmica e/ou ter uma relação estável não garante que uma mulher se veja livre de contrair a infecção. Em tal medida, o risco da infecção está determinado pelo comportamento sexual de seu parceiro. Em algumas regiões do mundo, incluindo a América Latina, as relações heterossexuais constituem o método mais freqüente de transmissão, ocasionando três quartos de todas as novas infecções pelo HIV”*⁷

Um estudo feito recentemente em Lima, Peru, comprovou que quase 90% das mulheres grávidas soro-positivas tiveram apenas um ou dois parceiros sexuais ao longo de suas vidas. O risco de infecção pelo HIV dessas mulheres dependia quase exclusivamente do comportamento sexual de seus parceiros masculinos, e as mulheres jovens eram as que corriam o máximo risco⁸

Mesmo que tenham apenas um parceiro sexual, as esposas ou parceiras habituais dos homens que possuem relações extraconjugais de risco (com múltiplas parceiras e sem proteção) enfrentam um alto risco de infecção pelo HIV.

CARIBE: 49% das Vítimas do HIV/AIDS são Mulheres

Na República Dominicana, a epidemia de AIDS aumentou sua incidência entre a população majoritariamente feminina entre 15 e 24 anos de idade¹. Esse setor representa a metade das pessoas que vivem com o HIV/AIDS¹ e na análise de especialistas dominicanas está relacionado a fatores sociais, fisiológicos, econômicos e culturais.

Em 1999, a epidemia tinha 30 por cento de suas vítimas em meio à população feminina na área do Caribe. No ano de 2005, ela alcançou 49 por cento e nesta porcentagem, 62 por cento das afetadas são jovens mulheres entre 15 e 24 anos de idade.¹

O certo é que em todo o mundo as mulheres vivem relações desiguais de gênero que incidem em suas vidas afetivas e sexuais, impedindo-lhes de tomar suas próprias decisões para se protegerem contra as infecções sexualmente transmitidas, em particular o HIV, e o acesso aos serviços de saúde adequados. Essa forma de violência constitui uma violação dos direitos humanos das mulheres em todo o mundo.

As Ameaças da Violência

A violência contra as mulheres assume formas variadas de abuso físico, sexual e psicológico. As mulheres estão expostas à violência em espaços públicos tais como seus lugares de trabalho e a comunidade. Não obstante, a violência contra as mulheres ocorre mais frequentemente no âmbito privado e é exercida em geral por seus próprios parceiros, membros da família ou pessoas próximas.

Os vínculos entre a violência contra as mulheres e o HIV/AIDS são a maior causa de preocupação, pois a violência pode expor as mulheres direta ou indiretamente à infecção do HIV.

Por exemplo:

- A violação pode provocar lacerações vaginais e traumas, que por sua vez aumentam o risco de infecção pelo HIV.
- A violência e o medo da violência dificultam para as mulheres a negociação do sexo seguro e consensual, incluindo o uso do preservativo em suas relações.
- As mulheres que sofreram abuso sexual em sua infância são mais propensas a se envolverem em relações sexuais arriscadas (por exemplo, relações precoces, com mais de um parceiro, e o uso de drogas e de álcool).
- O medo da violência impede as mulheres de buscarem informações sobre o HIV/AIDS, fazerem os testes, comparecerem nos serviços de saúde para prevenir a infecção e receberem tratamento e apoio.

Ao mesmo tempo, em muitos países os divórcios desiguais e as leis sobre propriedade dificultam às mulheres terminar com relações abusivas. Isso inclui os lugares onde existem leis contra a violência de gênero, a insuficiência de recursos, as práticas discriminatórias da polícia e dos juizes; do mesmo modo, a falta de compromisso e apoio institucional minam a necessidade de proteger as mulheres de maneira adequada.

Teste Obrigatório de HIV-AIDS?

“Estudos internacionais sugerem que os testes obrigatórios de HIV ameaçam os direitos humanos e são potencialmente danosos para a saúde pública”.

“Diante do perigo iminente da discriminação por serem soropositivas, algumas mulheres preferem não se aproximar dos centros de saúde nos quais sabem que é possível receber um teste obrigatório. Pois bem, mais de 95% das mulheres grávidas optam por fazerem o teste de HIV quando lhes é reconhecida a capacidade de escolher”.

Marianne Mollmann, Human Rights Watch: El Comercio, Lima, Peru, 8 de Maio de 2004.

Dados do UNAIDS

🚫 No **Brasil**, 7% dos adultos entre 15 e 49 anos vivem com o HIV/AIDS. Aproximadamente 240 mil pessoas, ou seja, cerca de 36% da população com HIV/AIDS, são mulheres.

🚫 Em **Trinidad e Tobago**, o número de mulheres adolescentes entre 15 e 19 anos que vivem com o HIV/AIDS é cinco vezes maior do que entre os homens dessas idades.

🚫 **Onze países** da América Latina e do Caribe têm uma epidemia generalizada, ou seja, uma prevalência superior a 1% da população: Bahamas, Barbados, Belize, Guatemala, Guiana, Jamaica, Honduras, República Dominicana, Suriname e Trinidad e Tobago.

Nos últimos 20 anos, presenciou-se um crescente reconhecimento do fenômeno da violência contra as mulheres na agenda pública. Diversas campanhas para pôr um fim nesse tipo de violência têm contribuído para incrementar o reconhecimento desta realidade como um problema de direitos humanos e de saúde pública; na atualidade, quase todos os países da região contam com leis sobre a violência contra as mulheres. No entanto, essa violência contra as mulheres continua se expandindo e deve ser urgentemente enfrentada, em particular no contexto da prevenção do HIV e o tratamento da AIDS. Requer-se uma resposta sistêmica que vincule a sociedade aos valores-chave para terminar com esse problema global:

- Mobilizar líderes nacionais e comunitários para que promovam mudanças e tornem a violência contra a mulher algo inaceitável.
- Preparar e apresentar evidências sobre as conseqüências econômicas, sociais e de saúde ligadas à violência contra a mulher, incluindo seus vínculos com o HIV/AIDS.
- Impulsionar o desenvolvimento, a aplicação e o reforço de mudanças legislativas, novas intervenções e mecanismos que sejam efetivos na erradicação da violência contra a mulher⁹.

Igualdade de Gênero, a Questão-Chave

O aumento de casos de mulheres infectadas pelo HIV e doentes com AIDS no mundo tem colocado em evidência as condições de desigualdade social e econômica em que vive a maior parte delas. Atualmente, 42 por cento das pessoas infectadas e enfermas com AIDS em escala mundial são mulheres. De cada 7000 novas infecções que ocorrem diariamente, 50 por cento correspondem a mulheres. Dois terços delas são jovens, pobres e casadas. Em São Paulo, a AIDS é a principal causa de morte entre as mulheres de 15 a 19 anos¹⁰.

Na América Latina e no Caribe, as evidências mais recentes mostram que em alguns países, especialmente no Caribe, as mulheres jovens têm uma probabilidade 1,6 maior de serem infectadas com o HIV do que os homens jovens, pois não estão em uma posição de negociar relações seguras, são biologicamente mais vulneráveis e conhecem menos que os homens como se transmite o vírus, muitas vezes porque não têm acesso a essa informação.

Mesmo quando as mulheres e meninas sabem como proteger-se da infecção, não podem usar essa informação devido ao “machismo”, à discriminação sexual e à violência, afirma a ONU, que explica que a coerção e o abuso sexuais são fatores importantes que contribuem na crescente proporção de mulheres na epidemia na região¹¹.

Sendo desvalorizadas em todos os níveis – trabalhistas, educacionais, políticos, econômicos e culturais – as mulheres terminam tendo uma baixa estima e tornam-se mais vulneráveis, criando um ambiente favorável aos homens que cometem abusos.

Um contexto social, econômico e cultural em que os direitos das mulheres apenas são visualizados um terreno fértil para os abusos contra mulheres e meninas. A construção da masculinidade neste ponto também é um desafio ainda pendente para educadores, famílias e profissionais de áreas como a psicologia e a sociologia.

Enquanto as mensagens publicitárias continuarem apresentando como sedutora a imagem de uma mulher cujo âmbito de ação vá da cozinha à cama, ignorando a quantidade e os diversos tipos de mulheres que contribuem cotidianamente ao avanço da arte, da história, da ciência e da educação – para mencionar apenas algumas áreas – as mulheres seguirão vivendo em ambientes hostis, repressivos e desvalorizadores ao mesmo tempo.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

As vulnerabilidades que se relacionam à infecção pelo HIV e aos episódios de violência na vida das mulheres estão vinculadas à sua falta de *poder de decisão*. Sem dúvida, o fator-chave para alcançar o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio No. 6 sobre a redução da propagação do HIV/AIDS é a promoção da igualdade entre os gêneros e o aumento da autonomia da mulher (Objetivo de Desenvolvimento do Milênio No. 3), ambos aprovados pelos governos no ano 2000.

De fato, a desigualdade de gênero segue sendo um palco para a propagação da violência contra as mulheres e do HIV/AIDS.

É certo que os governos aprovaram muitas resoluções, buscando desenvolver ou fortalecer políticas em torno das mulheres e do HIV/AIDS. Não obstante, para poderem cumprir essas promessas, será preciso primeiro levar a cabo os compromissos de terminar com a violência contra as mulheres, enfrentando o contexto cultural, social e econômico que a torna possível. De outro modo, a violência continuará crescendo e minando a governabilidade, a saúde pública e o futuro da sociedade em seu conjunto.

Tarefas para Governos e Instituições

- Mobilizar ativamente os homens e rapazes para que se oponham a uma dinâmica de gênero nociva, especialmente a violência e a discriminação, assumindo parte das responsabilidades pela assistência.
- Alcançar uma maior participação das pessoas que vivem com o HIV/AIDS e das mulheres nos processos de formulação de políticas e adoção de decisões.
- Promover a igualdade de acesso ao tratamento e à assistência, garantindo que os programas de tratamento sejam exequíveis, flexíveis e adaptáveis.

(Reunião de Alto Nível da Assembléia Geral sobre o HIV/AIDS.
Nações Unidas, Nova Iorque, 2 de Junho de 2005)

1. ONUSIDA, "AIDS Epidemic Update" ("Atualização das Informações sobre a Epidemia de AIDS"), 2004.
2. Ibid.
3. Reunião de Alto Nível da Assembléia Geral sobre o HIV/AIDS. Nações Unidas, Nova Iorque, 02/06/2005.
4. Kishor, S. y K. Johnson, 2004. *Profiling Domestic Violence: a multi-country study*. ("Estabelecendo os Perfis de Violência Doméstica: um Estudo sobre Diversos Países") MD USA: Measure DHS+, ORC Macro.
5. Barker, G. 1996. *The Misunderstood Gender: Male Involvement in the Family and in Sexual and Reproductive Health in Latin America and the Caribbean* ("O Gênero Mal-Compreendido: Envolvimento Masculino na Família e na Saúde Sexual e Reprodutiva na América Latina e no Caribe"). Washington DC. PAHO.
6. Campanha da ONU pelos Direitos Humanos de Mulheres e Meninas, contra a Violência, 1998.
7. Sánchez Fonseca, PANOS, 1996. Em PNUD: "SIDA, una expresión de la violencia de género" ("AIDS, uma Expressão da Violência de Gênero"). <http://www.unep.org/rblac/gender/campaign-spanish/aidsgender.htm>
8. UNAIDS: América Latina. Estatísticas e características do HIV e da AIDS, final de 2002 e 2004.
9. Coalizão Global sobre Mulheres e AIDS – Organização Mundial da Saúde, Folheto Informativo "Violence Against Women and HIV/AIDS" ("A Violência contra a Mulher e o HIV/AIDS").
10. Encontro Internacional de Saúde da Mulher. Rio de Janeiro, 1997.
11. Declaração Conjunta de 10 Agências das Nações Unidas, emitida em 30 de Novembro de 2004, por ocasião do Dia Mundial da AIDS em 1 de Dezembro.